

OS PRIMÓRDIOS DO ENSINO SUPERIOR SALESIANO NO BRASIL: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

DÍLSON PASSOS JÚNIOR

Doutor em Educação, graduado em Filosofia, Teologia, Pedagogia e História. Foi professor da Universidade Católica de Petrópolis, Escola Teológica do Mosteiro São Bento e PUC de Campinas. Atualmente é professor do UNISAL. E-mail: dilson@essj.com.br

A história é como uma grande teia. Não se vibra um fio sem vibrá-la toda. Não se vibra a teia sem vibrar cada fio. Não existe história de um fio. Este só se sustenta integrado no emaranhado da teia. Visualizar o particular descolado do todo é não visualizar nada. Não existem “histórias”. Existe a História.

Introdução

O Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL) nasceu da junção de três faculdades isoladas fundadas pelos salesianos em Lorena, Americana e Campinas. Lorena foi uma das primeiras¹ faculdades salesianas do mundo, quebrando o paradigma de que os salesianos deveriam se voltar apenas para educação de adolescentes. Sua evolução para escola de ensino superior, no sentido próprio da palavra, foi, porém, um processo repleto de equívocos, pois seus fundadores não dimensionaram os desdobramentos da legalização do estudo oferecido por um seminário que se transformava numa faculdade legalmente constituída, pois, não existia um projeto nem Inspetorial e nem local para o trabalho com o ensino superior para leigos. E, as duas unidades que surgiram posteriormente, foram resultados de iniciativas individuais e circunstanciais de salesianos, que fizeram dessas fundações um fato consumado e arbitrário, apenas para ser referendado pelos conselhos superiores.

O ensino superior dos salesianos no Brasil foi um incidente de percurso e não um projeto planejado e pensado. Quando os salesianos vieram para essas terras, como para o resto do mundo, o fizeram num momento de exuberante crescimento numérico e de prestígio da congregação, que no lastro da romanização, prestigiados pelo papado e pelos bispos reformadores, eram reconhecidos como competentes educadores das classes populares e formadores de jovens profissionais para a indústria. No final do

¹A primeira Escola de Ensino Superior salesiana foi a a St. Anthony's College fundada na Índia em 1932. Cf. DIREZIONE GENERALE OPERE DON BOSCO. IUS - Istituzioni Salesiane di Educazione Superiore. Roma: S.D.B., 2003. archive n. 2.

século XIX e início do XX não faltavam convites e facilidades em várias partes do mundo para implantarem suas obras. Estrategistas, estudavam minuciosamente as ofertas que se apresentavam, considerando a região, sua população, previsão de crescimento, população jovem pobre, doações de terrenos e recursos materiais para a construção e manutenção das fundações. Suas construções e projetos nasciam grandiosos e eram pensados para se ampliarem e se expandirem. Pensavam *as coisas de Deus* com a mentalidade da indústria: crescer, ampliar e multiplicar. As fundações se sucedem umas às outras com rapidez.

A chegada dos salesianos numa cidade seguia em geral um roteiro pré-estabelecido: fundava-se um oratório festivo, uma obra social e escola, sequencialmente ou concomitantemente e, eventualmente uma escola profissional. Não se pode, portanto, falar em fundação de faculdades salesianas², sem se considerar, anteriormente a implantação dessas estruturas materiais, em geral amplas e grandiosas. Quando as faculdades foram criadas, já existia uma infraestrutura física construída, que facilmente se adequava a essa nova finalidade.

Faculdade Salesiana de Lorena: clerical e tomista

O início da obra em Lorena se dá em três de março de 1890 que, rapidamente, se torna o centro irradiador da presença salesiana para o Brasil. Em 1892 já existia o noviciado com brasileiros. Em 1895 Lorena se consolidava como uma casa de importância, residindo nela sete capitulares (EVANGELISTA, José, 1991). Em 1894 Dom Lasagna parte para a fundação de três novas casas no Estado de Minas Gerais, morrendo, porém, tragicamente em desastre ferroviário em Juiz de Fora. Sua morte apressa a fundação da Inspetoria Salesiana de Nossa Senhora Auxiliadora de São Paulo, em 1896, tornando-se Lorena a sede da nova Inspetoria que abrangia as atuais regiões sudeste e sul. A expansão da congregação pelo Brasil dependia apenas do número de salesianos disponíveis, tornando-se então necessário de imediato garantir a formação de religiosos autóctones. Em Lorena, onde já funcionava o noviciado, funda-se em 1895 o Instituto Salesiano de Pedagogia e Filosofia,³ para preparar clérigos que *fossem* sacerdotes e professores nas escolas, pois, na mentalidade da época, a presença de leigos

² Nosso estudo refere-se especificamente ao Centro UNISAL de São Paulo. Não trabalharemos fundações de faculdades e universidades surgidas em outras áreas do Brasil (Campo Grande, Nordeste, Amazonas) e nem tampouco pouco no Estado de São Paulo que não estejam ligadas ao UNISAL, como as faculdades salesianas de Piracicaba, Lins e Araçatuba.

³ Este Instituto é que será, em 1952, reconhecido oficialmente como faculdade.

como professores ou em qualquer outra atividade escolar, deveria ser exceção. Esse Instituto funcionará em Lorena até em 1913, quando será transferido para a cidade de Lavrinhas, distante cerca de trinta quilômetros, funcionando aí até 1943, quando retornará para Lorena. Efetivamente torna-se “uma verdadeira universidade católica, de estudos gerais, sem contar, no entanto, com o reconhecimento oficial” (TOLEDO, 2003, p. 34). A Teologia era realizada em Roma, garantindo-se, assim, aos brasileiros beberem na fonte a fidelidade à Igreja e à Congregação.

A Educação, na história do Brasil, coube à Igreja, desde os padres mestres das fazendas, passando pelos jesuítas e pelas diversas congregações religiosas dedicadas para esse fim. Com a República, passados os primeiros momentos de estabilização do novo sistema político, a partir de 1920, aprofunda-se a reflexão sobre a educação pública e a responsabilidade do Estado frente a ela. A Igreja continua sua ação educadora. O Colégio salesiano São Joaquim de Lorena (fundado em 1890), já na segunda década do século XX era equiparado ao colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, podendo seus alunos realizar “todos os exames de conjunto, como era chamado, na própria casa, embora diante de bancas de professores nomeadas pelo governo federal” (EVANGELISTA, José, 1991, p 100). Isso demonstra que o Estado reconhecia que o título dos professores-padres, adquirido numa “faculdade” juridicamente não reconhecida, mas atrelada à tradição educacional da Igreja, sobretudo nos seminários, conferia-lhes, *ipso facto*, legitimidade. Na história do Brasil, muitos intelectuais serão formados pelos seminários com professores sem titulação oficial. É a partir de 1920 que começa uma reflexão mais sistemática sobre a educação pública, com a efervescência de ideias liberais e positivistas, em que a dimensão laica da república é acentuada, cabendo-lhe a implantação de uma educação moderna e desligada dos tentáculos da Igreja, identificada então com o passado e o arcaico que [deveriam](#) ser superados.

No conceito de Iglésias (1981, p. 132), a educação católica não foi capaz de gerar uma intelectualidade que fosse significativa nos destinos educacionais da nação:

O catolicismo continua a ser a vaga religiosidade, epidérmica, sem consistência, apegado a exterioridades e convenções. É mínimo o número de padres e baixo o seu nível intelectual. A carreira eclesiástica ainda é em grande parte – embora menos que no império – seguida por alguma conveniência, pelo prestígio que dá, pela imposição materna ou da madrinha sobre os jovens, com a consequente falta de aptidões. Dominando o ensino através dos colégios, os padres nacionais e estrangeiros, marcam a instrução com o sinal acadêmico, retórico, formalizado. A grande prova do relativo malogro da Igreja está na sua completa perda de terreno em matéria de direção intelectual. Basta que se lembre que as camadas mais expressivas da

intelectualidade brasileira são positivistas, evolucionistas ou apenas indiferentes.

Esta década é marcada por fortes tensões ideológicas entre a antiga mentalidade rural e patriarcal e o mundo que se moderniza. As classes operárias vêm no anarquismo, socialismo e marxismo possíveis saídas para suas lutas sociais. O integralismo, com o seu nacionalismo, defendendo a Religião, a Pátria e a Família, procura garantir os interesses e a estabilidade das novas classes médias urbanas⁴, antiliberais e antidemocráticas, e o modernismo, que mais que um movimento estético, é uma corrente de ideias e um movimento político-social, “pois nosso modernismo investe essencialmente em sua fase heroica, na libertação de uma série de recalques históricos, sociais étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência literária” (NAGLE, 2001, p. 117).

Com a Revolução de 1930, que tem como ideário um novo Brasil- moderno, industrial e urbano, adota-se “um modelo nacional-desenvolvimentista com base na industrialização” (EVANGELISTA, José, 1991, p. 39). A questão da Educação, que já vinha sendo objeto de profundas reflexões na década de 1920, tem sua visibilidade maior no *Manifesto dos Pioneiros* de 1932. O governo de Vargas toma de imediato providências práticas para o gerenciamento da educação em nível nacional. Já em 1930 cria o Ministério da Educação e Saúde Pública, traçando uma política educacional nacional com um sistema escolar centralizado.

Na década de 1930 os salesianos já possuem colégios consolidados em várias cidades das regiões sudeste e sul. O Colégio salesiano São Joaquim de Lorena continua sendo referência e cada vez mais se consolida no interior do Estado de São Paulo. Alguns salesianos compõem livros para atender às necessidades das escolas salesianas como, por exemplo, João Ravizza, autor de densa obra de livros didáticos de latim utilizados até a década de 1970. Continua a prevalecer o não envolvimento da congregação com a política educacional do Brasil. Esse desligamento das políticas educacionais tão intensamente discutidas tem parte de sua explicação no fato de que a congregação está se implantando no mundo, e neste momento foca suas energias em mostrar competência e resultados avalizando com isso seu fundador como educador. Há

⁴ O Integralismo apresenta facetas bem complexas. Possui sua origem em vários segmentos conservadores da sociedade, urbanos e rurais. Possui elementos do modernismo unidos a aspectos do catolicismo conservador. Não é nosso objetivo aqui aprofundar esse tema, mas apenas assinalá-lo como um dos fenômenos da época. Nagle apresenta uma análise de suas várias vertentes em sua formação. Cf. NAGLE, 2001, p.118-129.

também empenho em mostrar que João Bosco poderia ser beatificado, pois um santo como fundador daria à congregação *status* na Igreja. A declaração de santidade de João Bosco, porém, não estava sendo fácil, pois ele fugira, pelo seu estilo de vida, dos padrões clássicos dos místicos e contemplativos da igreja. Era um homem pragmático, esperto e calculista. Entrava nas cidades e povoados acompanhado por ruidosa fanfarra de jovens, que com a algazarra e alarido, atraía a atenção de todos. Era seu modo de fazer marketing. Não possuía, aos olhos da igreja e, mesmo da sociedade, aquele clássico estereótipo dos *homens de Deus*. Sua vida de oração não tinha nada de especial. Sisudos monsenhores da Cúria romana não se sentiam confortáveis em apresentar como modelo de santidade um sacerdote que participava nas ruas de jogos e corridas, liderando uma barulhenta molecada. Os intelectuais da congregação despenderam grande energia na defesa deste novo modelo de santidade e somente a partir de 1934, quando ele é canonizado, é que poderão se dedicar em aprofundar um novo foco de interesse da congregação: a pedagogia salesiana. Se essas considerações não justificam, ao menos ajudam a entender a constante ausência dos salesianos na construção dos rumos da educação católica no Brasil e seus confrontos com o governo.

Nas reformas que são realizadas com relação à regulamentação do Ensino no Brasil uma decisão atinge de modo especial aos salesianos. A constituição de 1946 exigia que para a prática do magistério fosse necessário ter concurso de títulos reconhecido pelo Estado. Essa exigência desestabilizava as escolas salesianas de todo o Brasil, que tinham como professores salesianos com certificados fornecidos pelo Instituto de Pedagogia e Filosofia salesiano, não credenciado pelo governo. No dia dois de setembro de 1950, o padre José Stringari era recebido pelo ministro da Educação e Saúde, Dr. Pedro Calmon, solicitando que os clérigos salesianos, após terem feito o curso de Filosofia, Pedagogia e Didática e terem adquirido o certificado do seminário desses cursos, fossem declarados pelo ministério idôneos, ao menos para lecionar nos colégios salesianos. O ministro fez ver ao sacerdote a inconstitucionalidade desta proposta e, em contrapartida e de forma inesperada, faz-lhe uma contra proposta: “Por que não resolve o caso dos seus seminaristas fundando uma faculdade?” Essa proposta teve resposta imediata e, realizados os procedimentos legais, no dia 14 de fevereiro de 1952, pelo decreto 30.552, o presidente Getúlio Vargas autorizava o “funcionamento dos cursos de Filosofia, Pedagogia, Geografia, História, Letras Clássicas, Letras

Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas, da Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras”⁵.

O Historiador, professor Francisco Sodero Toledo, membro do Instituto de Estudos Vale-paraibanos, capta o significado desta fundação ao defini-la como *uma Instituição de ensino superior singular* (TOLEDO, 2003, P. 60). Efetivamente, esta “singularidade” representará para a história da Instituição um profundo conflito de identidade, que só será superado depois da década de 1970. O seu nascimento atípico e inesperado impede-lhe o amadurecimento como instituição educacional a serviço da sociedade brasileira, já que existia há 57 anos como Instituto de Filosofia de um seminário de religiosos, fechado não só às realidades políticas do Brasil, como também às grandes lutas da própria Igreja na sua busca por um lugar de prestígio dentro da sociedade republicana.

A Era Vargas, com seu projeto de modernização do Brasil, herdara também os grandes debates sobre o Ensino superior travados nas décadas de 1920 e 1930 sobre sua importância para a formação do Brasil. Boa parte dos intelectuais que discutiam a Educação fará parte do governo. Prevalece a tese da necessidade da formação de uma elite intelectual para conduzir, pela educação, a nação do obscurantismo para o progresso. Era necessário, portanto, também interiorizar a educação para além das grandes capitais. Debatia-se mesmo a necessidade de um “estudo desinteressado”, que desse uma base teórica para que o educando pudesse agir não como técnico, mas como portador dos princípios educacionais. A obra de Vaidergorn (2003) intitulada *As Seis Irmãs: As Faculdades de Filosofia Ciências e Letras do Interior Paulista* nos permite uma análise das motivações da fundação dessas instituições na década de 1950. Elas estão no bojo da política do governo de ampliar a educação para o interior com a meta de formação das elites. Deve-se destacar que nos grandes debates nacionais sobre a educação o conceito de “elite” não tem um sentido capitalista burguês, mas o sentido que é exposto por Fernando de Azevedo e como nos explicita Vaidergorn (2003, p. 97):

As elites seriam para ele (Fernando de Azevedo) “as verdadeiras forças criadoras da civilização” de quem dependeriam as grandes civilizações, fossem antigas ou modernas. A Marca das civilizações não seria dada pela educação popular, mas pela força das elites dirigentes. (...) Fernando de Azevedo definia “elite” de acordo com seu conceito de democracia (que “consiste não no governo do povo pelo povo” – uma ficção – “mas no governo constituído por elementos tirados do povo e preparados pela educação” como uma classe “francamente aberta e acessível”, formada por

⁵ CENTRO UNISAL. SEDOC: Arquivo histórico. Lorena.

cooptação que “se renova e se recruta em todas as camadas sociais” sendo “aquela que teria condições de propor um projeto de nacionalidade que estivesse acima das paixões partidárias na medida em que seria composta pelas iniciativas particulares esclarecidas e sustentadas em todas as classes e direções”.

A fundação, na década de 1950, das Faculdades de Araraquara, Assis, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro e São José do Rio Preto, fora do eixo da capital, numa nova política do governo, em que se discutia o tipo de conhecimento a ser ministrado, foi precedida por profundos debates nacionais sobre a educação e o seu sentido na formação da nação do Brasil, em que se discutia desde um ensino pragmático até “uma cultura geral e desinteressada, baseada num ensino comum a todos e voltada à formação do caráter e da mentalidade” (VAIDERGORN, 2003, p. 99). O governo brasileiro começa essa nova política de interiorização da Educação num projeto debatido *ad nauseam* pela sociedade. Mesmo as universidades católicas, ao se constituírem, são resultado de confrontos e embates na luta por manter e defender uma cultura e uma visão do mundo herdada da colonização. Daí, entende-se a força da expressão do professor Sodero ao afirmar a “singularidade” dessa fundação. Até este momento os salesianos não haviam participado dos grandes debates educacionais travados no Brasil. Até em nível de Igreja, contrariando a prática de toda a América Latina, utilizavam o latim com a pronúncia romana e não a espanhola, criando desconforto frente ao clero local e dificuldades aos alunos egressos de suas obras, que poderiam ser reprovados nos exames orais em outras escolas, que adotavam a pronúncia espanhola. Aqui há um problema de base: quando o governo realiza exigências legais para o exercício do magistério, e, numa conversa amigável, solicita-se um favor e se ganha, sem se pedir, uma faculdade no interior. Isso não é, obviamente absorvido pelos salesianos em seu sentido pleno dentro dos grandes debates travados sobre educação no país. Essa é a chave para se entender o contexto social no qual a faculdade salesiana nasce. Para a mentalidade dos salesianos da época parece não ter havido o real entendimento da extensão do que significava ser “ensino superior reconhecido”. Para a maioria deles apenas o estudo do seminário era validado pelo governo como oficial. Houve dificuldade em entender que a partir deste momento as portas da faculdade estavam abertas para toda a sociedade brasileira.

Lorena neste período era uma cidade provinciana. Seus alunos eram jovens seminaristas oriundos de diversas partes do Brasil, que queriam ser padres salesianos. Era em suma, um seminário. Como afirma Sodero Toledo (2003, p. 63):

Nascia mais uma instituição e nível superior de caráter privado e católico. Ligada, portanto ao projeto de Igreja, formulado no bojo dos processos da romanização e de restauração com total unidade com o Vaticano e obediência ao papa e à Cúria romana. (...) seus esforços tendem a acompanhar o processo conservador, seletivo e excludente que caracteriza o sistema educacional brasileiro. (...) Os salesianos, em seu movimento educacional, buscavam a disciplina moral, o rigor intelectual e total afinidade com os superiores da ordem e com o Vaticano”.

A faculdade nasce como *um* seminário reconhecido, como atesta o artigo 153 do seu regimento que reza: os alunos eram “do sexo masculino e em regime de internato, cabendo somente ao diretor abrir exceção a este dispositivo” (TOLEDO, 2003, p. 77). Tinha-se o paradoxo da existência de um curso de ensino superior interno e masculino com 80% dos professores padres e se mantendo a estrutura de seminário. A sociedade local começa desde o início a exigir vagas, sendo os superiores obrigados a admitir leigos, denominados então de *externos* e que devem se submeter ao estilo seminarístico da faculdade. Exige-se também a presença feminina – inconcebível então dentro dos rígidos padrões de uma igreja romanizada – o que é solucionado com a *criação da faculdade feminina*, que funciona na escola das irmãs salesianas, ainda que mantenha uma administração unificada. Sendo a cidade de Lorena provinciana e tradicional, essa formatação não causa incômodo. Os clérigos, dentro da tradição tridentina, vivem isolados das coisas do mundo não podendo se ausentar dos claustros sem autorização e nem ter acesso a jornais e revistas, salvo se antes censurados por seus superiores. O estudo acadêmico continuava embasado no pensamento tomista e com abordagens a partir de uma ótica apologética da igreja e da religião. A cultura era ampla e clássica, sem, porém, trabalhar uma dimensão crítica. Não era permitida a leitura de muitos autores vetados pelo *Index Librorum Prohibitorum*⁶ da igreja e da congregação. Era a opção de não permitir aos clérigos o acesso a um conhecimento diferente da ortodoxia católica. O fato de o Instituto ter se transformado em faculdade não mudava o modelo de formação.

A década de 1960, em nível mundial, é um divisor de águas na história do século XX. Nela eclodiram movimentos sociais que representaram divisores de água em nível científico, político, social, econômico e religioso, que impactaram diretamente na vida da Faculdade Salesiana. O Brasil, a partir de Jânio Quadros e João Goulart, começa a adernar para a esquerda até o golpe de 1964, que, criando um regime político reacionário de direita, tem sua radicalização em 1968, com o Ato Institucional número

⁶ Índice dos livros proibidos.

5. Após o Concílio Vaticano II há, na Igreja Católica, significativa crise de identidade, com grande número de sacerdotes “abandonando a batina” ou aderindo a linhas de esquerda, de matriz marxista. Os superiores maiores dos salesianos continuavam na sua linha tradicional procurando que seus clérigos não se contaminassem com essas novas ideias, procurando mantê-los numa redoma ideológica tomista e tradicional.

Julgou oportuno, senhor padre Inspetor, que as aulas de Filosofia para os clérigos não fosse feitas com os alunos externos, mas separados (...) Há clérigos, observa-nos padre Inspetor, que se mostram muito autossuficientes. Se não vivermos os sinais de verdadeira vocação será necessário tomar decisões mais firmes, permitindo-lhes uma vida prática salesiana⁷.

Não raro, porém, nos quadros de tiras de jornais do seminário apreciavam notícias favoráveis à revolução cubana, contra o imperialismo americano ou a favor da libertação dos pobres e oprimidos postas por mãos “desconhecidas”, certamente padres, que são “denunciados” no conselho da casa: “até padres e teólogos inteligentes com teorias que em pouco tempo fariam grandes estragos. (...) Muito cuidado em pôr os clérigos em contato com essas coisas. Bastam as ideias gerais, claríssimas”⁸. Houve também salesianos mais radicais, que provocaram o exército, seja por discursos, seja colocando ramalhetes de flores na boca de um canhão de um tanque de guerra. A ala feminina, sobretudo sob a liderança da Irmã Iracema, partia para uma linha progressista e engajada, dividindo ideologicamente a faculdade entre padres conservadores e irmãs progressistas;

Irmã Iracema teve atuação marcante na formação dos alunos, mesmo antes do golpe militar (...). Ela tinha uma cabeça incrível, muito aberta. Formou uma geração de discernimento, de saber o que era bom e o que não era. (...) A professora fazia de sua aula um instrumento esclarecedor e conscientizador da realidade brasileira, com o objetivo de formar cidadãos justos e com desejo de transformação. (...) Foram anos áureos de conscientização e de ação, porque nós acabávamos tendo uma missão junto aos jovens. Mesmo antes da implantação da ditadura militar, pela própria característica da disciplina de Sociologia, irmã Iracema discutia questões relativas às injustiças sociais, como a pobreza, a falta de moradia e o trabalho mal remunerado (BORREGO, 2000, p. 52).

Fazia então grande sucesso o *cine-fórum* em que eram apresentados filmes do momento para discussões. Escandalizavam-se os padres conservadores quando as irmãs

⁷ CENTRO UNISAL. SEDOC: Arquivo histórico. Atas do Conselho da Casa do Instituto Salesiano de Pedagogia e Filosofia. 15/03/67 a 14/08/73 – Lorena, p. 49 v .

⁸ Ibidem, Ata da Casa. De 14 de março de 1956 a 07 de maio de 1968. Lorena, p. 64 v-65v.

pregavam o engajamento, a inserção nas periferias e a discussão sobre a realidade brasileira. Apesar de toda redoma em que os formadores pretendiam manter seus formandos, a convivência no ambiente da faculdade impedia essa filtragem da realidade externa, como nos testemunha o historiador Pasin, membro do Instituto de Estudos Vale-paraibanos (IEV):

Elas eram progressistas e sempre estavam à frente em todos os sentidos - desde o espaço físico da faculdade -, lá havia um campus universitário, uma liberdade de ideias e filmes no Cineclube fundado pela irmã Iracema. Hoje a FATEA tem uma ótima videoteca e lá você encontra todos os filmes, inclusive "Je Vous Salue Marie" proibido pela CNBB. Se você quiser assistir ou projetar o filme vai lá e retire a cópia seja aluno, professor ou consulente.... Isto significa que, embora elas sendo religiosas têm uma visão moderna e científica do que seja uma universidade e fazem uma leitura correta dos filmes. O Cine Clube funciona há mais de 25 anos e todas as sextas-feiras à noite projetando um filme de um bom diretor com temas polêmicos e, depois da projeção, é feito um debate com a participação de todos os cinéfilos presentes. Você vai à biblioteca Conde Moreira Lima e consulta todos os livros, jornais e revistas. Nunca houve nada censurado ou interditado. Isso explica o choque ocorrido na década de 70, entre padres e as freiras. Elas estavam sempre à frente, com uma mentalidade aberta e progressista para época. Eu participei, como representante dos professores, da reunião que resultou no rompimento das duas seções da faculdade. Nesta reunião presidida pelo padre Anderson Paes da Silva, estavam presentes entre outros, o padre Antônio Lages de Magalhães e o padre José Pereira Neto, que assistiam às sessões do Cine Clube e professor Francisco Sodero Toledo, como representante dos alunos. No calor das discussões padre Anderson, referindo-se ao Cine Clube disse às irmãs: "As senhoras com o Cine clube comprometem a moral da faculdade porque para mim filme de arte é pornografia". Eu saí em defesa das irmãs e apelei para o padre Pereira pedindo que ele desse sua opinião, e ele respondeu: "arte para mim é algo subjetivo" e não disse mais nada. O motivo fundamental da ruptura foi, entre outros, o Cine clube. Os padres achavam que as irmãs estavam fora do espírito da faculdade. Elas eram modernas e progressistas e modernas demais para os padrões e conceitos da época. Em 1970 houve a prisão de vários professores e alunos da faculdade pelo quinto Batalhão de Infantaria Leve de Lorena. Eu, o Ivo Malerba, o João Bastos, o Carlos Chagas, o Nelson Pescioto, irmã Iracema e penso que Irmã Olga, também. Este fato, na época abalou toda a sociedade lorenense e vale-paraibana e repercutiu de maneira chocante dentro da faculdade, contribuindo no desdobramento da crise que resultou na ruptura entre as duas seções. Acredito, que naquele momento, o padre Anderson estivesse tentando deter a onda revolucionária que tomara conta da faculdade salesiana⁹.

Não se pode também ignorar que os documentos emanados pelo Vaticano II desestabilizaram essa visão de igreja fechada, que os formadores tinham cultivado até então. Analisando-se os Livros do Conselho e as Crônicas da Casa verifica-se que, timidamente, vão sendo tratados temas externos. Na década de 1960 o número de

⁹ CENTRO UNISAL. SEDOC: Arquivo histórico. Entrevista a José Luis Pasin em maio de 2002, Lorena.

alunos externos já era maior que o de internos, seja pelo crescimento da faculdade, seja pela diminuição das vocações e o seminário começava ser um apêndice da faculdade.

O ano de 1968 será decisivo. Na academia começa a discussão do documento de Buga, elaborado em 1967, e que procurava definir o lugar da universidade católica frente ao mundo moderno à luz do Vaticano II:

A proposta do CELAM, expressa no documento de Buga tinha como meta para as Universidades da América Latina: gerar a conscientização da realidade histórica; realizar a promoção social que conduza ao desenvolvimento; criticar a mentira social e política; resgatar a autenticidade da cultura; promover a integração do continente; ter uma participação ativa e crítica na sociedade; tornar-se, enfim, uma esfera privilegiada de encontro entre a Igreja e o mundo. O Documento de Buga sintetizava o projeto de Universidade Católica para a América Latina. Uma verdadeira universidade católica, crítica, libertadora, dialogal, politizada, denunciadora da mentira social, conscientizadora, cientificamente competente, inserida no processo de mudança social, inovadora, enfim revolucionária, procurando uma efetiva participação no processo de libertação da América Latina. Buga busca assegurar o diálogo entre as Ciências, as Técnicas e as Artes, de um lado, e de outro, a Filosofia e a Teologia. Uma universidade que não pode querer se reduzir a formar profissionais, mas, sobretudo, deve cuidar da promoção humana. (TOLEDO, 2003, p. 164).

Dom Cândido Padim, bispo da Diocese e Lorena em 1978, analisará a importância do diálogo da universidade no seu interior com a sociedade que a circundava. O Vaticano II abria, através dos seus documentos, novas vertentes de diálogo da igreja com o mundo e, também, do mundo universitário católico com a sociedade, respeitando-lhe as diversidades:

As reflexões e os debates que se sucederam, indicaram uma virada na concepção do Ensino Superior Católico. O ponto de partida dos presentes foi a análise da pergunta fundamental: “nós estamos realmente dialogando com a realidade que nos circunda? Estamos de fato servindo aos interesses dessa realidade? (TOLEDO, 2003, p. 168).

O que se refletia na congregação era algo inédito nos padrões de um seminário organizado hierarquicamente. Existiam até propostas bem concretas de diálogo com o mundo discente:

Convidar pelo menos o presidente do DA e presidentes dos diversos Centros de Estudos para participarem das reuniões, como forma concreta de começar um diálogo mais profícuo no interior da faculdade e a facilitação do diálogo com sociedade, visto também os alunos conhecerem essa realidade, com a própria experiência de vida, que nos pode iluminar sobre muitas decisões a tomar, para melhor servir região na qual estamos inseridos (Cg, 1968, 46v) (TOLEDO, 2003, p.169).

Essas ideias tinham algo de novo e somente salesianos com uma longa vida no mundo universitário podiam perceber o seu alcance. Para os salesianos que trabalhavam

apenas na casa de formação, e que viam o espaço universitário apenas como uma extensão do seminário, essas proposições não eram apreendidas na dimensão e profundidade que tinham. Aliás, o próprio Vaticano II, no seu espírito, ainda não era bem compreendido. Havia neste momento uma reta intenção de reestruturação da faculdade, dando-lhe uma maior consistência no seu espírito de universidade. As reuniões congregando professores e alunos eram conduzidas pelo padre Ferreira. A partir das reflexões de Dom Padim o processo participativo passa a ser significativo. Discutiu-se organização, gestão acadêmica, administração, estruturas físicas. Entre os muitos pontos debatidos optava-se pela criação de um clima ecumênico e pela abertura da faculdade para a sociedade local e seus problemas. Este momento, e a crise que viria a seguir, vistos numa perspectiva de distância do tempo, pode ser entendido como o verdadeiro início da faculdade salesiana no seu sentido próprio de academia. Será um nascimento doloroso com rupturas e tensões na busca do equilíbrio na formação de uma verdadeira mentalidade de uma academia.

O momento político era tenso e o ambiente acadêmico eram foco de resistência à ditadura. Desde 1966 alunos já faziam manifestações públicas pedindo mais verbas para educação e o cancelamento do acordo MEC-USAID. Em 1967 o Diretório Acadêmico da Faculdade sofrerá intervenção policial. O presidente do DA apresentou à Congregação da faculdade as dificuldades vividas, recebendo apoio da mesma que, inclusive, se dispôs a contratar um advogado em defesa dos alunos. Essa atitude da direção foi entendida por quatro membros da direção do DA como sendo uma interferência e, com isso, parte da direção da representação dos alunos se dividiu e os membros dissidentes pediram demissão. Em Assembleia os alunos optaram por nova eleição. Havia um clima de desconfiança de toda parte. Agentes militares do exército de Lorena e da aeronáutica de Guaratinguetá estavam infiltrados em todos os segmentos da sociedade. A direção do Diretório Acadêmico de 1968 radicalizava também contra toda forma de autoridade. O aumento da radicalização do processo político nacional, a partir do mês de outubro, acabou por repercutir no interior da vida universitária na Faculdade Salesiana:

Era o corre-corre com as urnas da UNE, as reuniões noturnas, e os congressos universitários (...). Eram a divisão de ideias políticas entre padres, seminaristas, professores, alunas e alunos externos, e os alunos do exército e da aeronáutica (PEREIRA, apud TOLEDO, 2003, p. 176).

As tensões políticas no Brasil se avolumavam. A UNE tornara-se um dos significativos focos de resistência ao regime militar. Neste ano vence a chapa AGIR, liderada pelo jovem Ivo Malerba, que promovia a mobilização dos estudantes em consonância com o movimento nacional da UNE, setor USP. Os conferencistas, vindos à faculdade por convite da direção, eram alinhados com a linha romanizada da Igreja e, mesmo o bispo Dom Padim, com explícita inclinação para a Teologia da libertação, apesar de suas convicções pessoais, por ser membro da hierarquia católica, devia manter certa postura esperada de um bispo de uma conservadora e provinciana cidade do interior. A greve dos 100 dias dos estudantes no ano de 1968, porém, precipitou os acontecimentos, assumindo um contorno que escapava ao controle dos padres salesianos.

A ala radical do DA pretendia o controle da gestão da faculdade assumindo algumas estratégias para enfraquecer a interferência dos salesianos: proibiu a presença de professores nas assembleias, sabendo ser na sua maioria religiosos salesianos; marcou as assembleias na ala feminina, esperando que os clérigos estudantes não participassem pelas restrições do seminário que impedia, nos seus regulamentos, que os clérigos convivessem ou frequentassem ambientes femininos.

No livro *Uma Lacuna na História*¹⁰ é apresentada a descrição da situação da faculdade salesiana no ano de 1968 a partir da ótica de alunos que destacam acontecimentos, nomeiam educadores salesianos e salesianas, assim como leigos que estiveram intelectual e fisicamente ao lado deles nos momentos de repressão da ditadura militar. A estratégia que os superiores salesianos adotam para enfraquecer o movimento estudantil era a de que os clérigos participassem das assembleias sem batina e que estudassem os “livros proibidos”¹¹ para estarem aptos a participarem dos debates.

O prolongamento da paralisação das aulas gerou cansaço nos próprios alunos que começaram a temer a perda do ano letivo, e enfim as aulas retornam enquanto o

¹⁰ Destacam-se os professores José Luiz Pasin, Irmã Iracema Farina, Irmã Olga de Sá, Padre Carlos Leôncio, Padre Antônio da Silva Ferreira, Padre Eliseu Cintra. Todos são intelectuais de destaque comprometidos com o mundo acadêmico formados com o verdadeiro espírito do Ensino Superior. Junte-se a estes, também destacado pelos alunos, o bispo Dom Cândido Padim também alinhado com as lutas estudantis. Este livro recebeu no Congresso da Intercom – encontro de pesquisadores, profissionais e alunos de comunicação do país dois prêmios: primeiro lugar como livro reportagem e o melhor trabalho de jornalismo do Brasil de 1997. Cf. BORREGO et al., 2000.

¹¹ O Capital; Manifesto Comunista.

líder estudantil Ivo Malerba era preso no Congresso da UNE de Ibiúna, em 12 de outubro de 1968.

Neste ano de 1968 a Faculdade Salesiana deveria apresentar ao Ministério da Educação o seu novo regimento, com a participação do corpo docente e discente. Essas tensões, porém, comprometeram todo processo, com o retorno das aulas após quase cem dias de paralisação. Padre Ferreira, encarregado de redigir as contribuições dos alunos e professores para o novo regimento da faculdade, não consegue obter a contribuição destes últimos e, usando de uma estratégia, protocola o processo em Brasília sabendo que, incompleto, o regimento entraria em diligência, quando se teria tempo para recolher as contribuições do corpo docente. Três episódios, porém, alteram o processo. O Ato Institucional No. 5 radicalizará o golpe militar com a suspensão dos direitos civis; o regime militar assume uma política educacional¹² tecnicista e finalmente, no âmbito interno, em Brasília a senhora Nair Fortes Abu-Mehry, ao perceber as falhas no processo das faculdades salesianas, ao invés de submeter o documento a diligências, por conta própria completa o que faltava, fora de todo ideal da participação acadêmica, e, mais ainda, divide a faculdades em duas, uma das irmãs, o Instituto Santa Teresa,¹³ e outra dos padres. Da crise emergia, paradoxalmente, sem conhecimento das partes, duas faculdades. Eis como padre Ferreira narra este episódio:

Preparou-se um regimento que tratava somente da estrutura da faculdade deixando em descoberto outros itens. Tal regimento, entregue em tempo, satisfaria a exigência de prazo do CNE e cairia em diligência. No satisfazer a diligência, já com um ambiente mais calmo, seria possível uma comissão estudar o regimento definitivo. E foi o que se fez preparando-se um regimento parcial e protocolando-o no MEC. A diligência não veio. Tratava-se da aprovação de um curso novo na faculdade e era necessário um Regimento de acordo com a lei. Dona Nair Fortes Abu-Mehry, relatora do processo, fazendo notar as incoerências e falhas do regimento aprovado, preparou ela mesma um regimento novo, que foi aprovado e enviado para Lorena. Evidentemente os grandes debates sobre a aplicação do sistema educativo de Dom Bosco na faculdade e demais preocupações da assembleia Universitária não figuravam nesse regimento. Ao Mesmo tempo, a Escola Superior de Ciências Domésticas e Educação Rural das FMA (irmãs salesianas), que era uma instituição ligada à faculdade salesiana, foi reconhecida como faculdade independente¹⁴.

¹² Lei 5,540/68 de 28/11 impõe a reforma do Ensino determinado pelo acordo MEC/USAID. “Os Decretos leis 464 477 de 1969 davam o golpe de misericórdia nos avanços e sonhos desenvolvidos pela Faculdade Salesiana, na busca de sua reestruturação”. Cf. TOLEDO, 2003, p 177.

¹³ Atual FATEA – Faculdades Integradas Santa Teresa D’Ávila, das irmãs salesianas.

¹⁴ - Padre Antônio da Silva FERREIRA. Testemunhos em Barbacena. Entrevista concedida pelo Vice-diretor do Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa de Barbacena. Barbacena, MG, 16 de julho de

O tumultuado ano de 1968 em Lorena é visto, pelos superiores de São Paulo e de Roma como um período de desestabilização do seminário e, não tendo captado o que efetivamente acontecera, entendem que era “preciso pôr ordem na casa”.

Os jovens clérigos tinham saído vitoriosos dos embates nas assembleias. Muitas das ideias que haviam combatido, porém, não deixaram de tocá-los, como os conceitos de participação, liberdade, decisões colegiadas e acesso a pensadores fora do eixo tomista. Ao retornar para a vida regular do seminário, suas mentes já não eram as mesmas. Os livros de atas das reuniões dos superiores demonstram preocupações com os “tempos atuais”. Sem que os superiores percebessem, os formandos haviam “se contaminado”, em parte com os ideais e mentalidade dos anos 60. Na ótica dos formadores era o momento de reordenar e disciplinar o seminário. Enquanto o AI 5 impunha uma linha dura à sociedade, o mesmo acontecia com a casa de formação. Professores salesianos progressistas são transferidos. Seminaristas rebeldes e progressistas são dispensados. O novo diretor apresenta-se como quem veio restaurar a ordem e disciplina (TOLEDO, 2003, p. 186). Essa proposta, porém, que representava um forte freio na vida do seminário, não iria apresentar os resultados que imaginavam os superiores-interventores. A vida do claustro voltava à rotina monástica¹⁵. O sino, sinal da voz de Deus, ecoava pelo *cortile* indicando os horários sagrados da liturgia e da vida. Tudo aparentemente voltava ao ritmo do passado, como deveria ser. Tudo. Menos as mentes. Nelas palpitavam as ideias de liberdade, participação, luta contra a opressão do governo, da igreja, dos formadores e do conservadorismo. Acreditava-se que era tempo de *aggiornamento*, rupturas com estruturas, opção preferencial pelos pobres. Tudo era igual. Externamente tudo volta a ser igual. Menos as mentes. Então tudo era diferente... as décadas seguintes no seminário não serão tranquilas. A mão de ferro, que procurava a tudo pôr em ordem, não conseguirá mais domesticar as mentes, nem adestrar os corações. Serão anos de rebeldias em que a militância política contra todas as formas de opressão encontrarão na Igreja e em suas alas mais progressistas o amparo e a defesa. A “*pax*” imposta pelo novo diretor será só momentânea. Os atos de rebeldia no seminário não deixarão de conhecer retaliações contra os clérigos que não mais

2002. In: CENTRO UNISAL. SEDOC: Arquivo histórico. Lorena. Arquivo CEDOC – UNISAL – Unidade de Lorena – SP.

¹⁵ Tanto o termo “claustro” como “monástica” são aqui usados de modo impróprio. A vida salesiana possui toda uma organização interna com regulamentos e vida em comum. Prevalece, porém, um clima de família muito diferente dos mosteiros. Elas aqui são usadas apenas para definir a regularidade, a sistematicidade do cotidiano numa casa religiosa, mas são usadas de forma até caricata.

possuem o espírito de obediência. Por outro lado, a Lei da Reforma Universitária, imposta a todas as instituições de Ensino Superior, criava um novo modelo de universidade tecnicista, distante de um modelo social inovador, transformador e revolucionário (TOLEDO, 2003. p. 180).

Entre os anos de 1969 e 1972 duas coisas se explicitam para os salesianos mais esclarecidos. A tentativa de volta ao modelo do antigo seminário não era mais viável como fora no passado. A Igreja mudara com o Vaticano II. As vocações diminuíram drasticamente, com boa parte do clero em crise de identidade frente a um mundo de rápidas mudanças tecnológicas, sociais e, sobretudo, de mentalidade. O sonho da reestruturação da faculdade nos moldes de um seminário estava acabado, pois ela deveria se enquadrar ao modelo de uma escola superior atendendo às exigências do MEC e do mercado. O Novo regimento será aprovado no dia 12 de dezembro de 1972 pelo parecer 1.433/72, organizando-se segundo o modelo tecnicista imposto pelo regime militar. O novo diretor das Faculdades salesianas, Padre Anderson Paes da Silva, tomara posse em agosto de 1969, “com a leitura da Sagrada escritura em que se viam claras as dimensões da verdadeira autoridade” (TOLEDO, 2003. p. 187). O governo do novo diretor mostra-se de imediato ousado, abrindo novos cursos já nos anos seguintes, como Química, Ciências Naturais e Psicologia. Em 1971 já se conta com 11 Cursos. Em 1970 termina a divisão dos alunos por sexo, a partir do curso de Psicologia. Essa rápida modernização da faculdade, porém, não foi bem absorvida pelos formadores:

O curso de Filosofia deixou de ser oficialmente desenvolvido pela faculdade. Ele continuou existindo para os alunos internos, os clérigos salesianos, no ambiente separado da faculdade, junto ao Instituto Salesiano de Pedagogia e Filosofia, que passou a ocupar todas as dependências que até então abrigara a faculdade. A sua oficialização foi resolvida com a aplicação de exames de validação. (TOLEDO, 2003. p. 190).

O motivo do surgimento da Faculdade Salesiana de Lorena como “doação do Estado que autorizou seu funcionamento, reconheceu seus cursos e validou os documentos expedidos” (TOLEDO, 2003. p. 200) fora o de se ter um espaço especial de formação de professores e educadores salesianos, com diplomação reconhecida pelo governo. “A Faculdade foi criada para a formação dos seminaristas, e ao multiplicar seus cursos, ela se desestruturou” (NASCIMENTO, apud TOLEDO, 2003, p. 193). Essa ambiguidade inicial obstaculizou a formação de uma verdadeira mentalidade universitária. Alguns salesianos, como padre Leôncio e padre Ferreira, vivenciaram e defenderam esses ideais da verdadeira universidade. Serão homens fora de época.

Passada as crises da década de 1960, quando enfim as faculdades assumem seu perfil de Escola de Ensino Superior, os Cursos de Pedagogia e Filosofia se desligam da faculdade reconhecida pelo governo e se recolhem à interioridade do claustro e do *cortile* no Instituto Salesiano de Pedagogia e Filosofia, sob a visão escolástico-tomista. As validações darão legalidade aos “estudos de seminário” não só dos salesianos, mas também de seminários de dioceses e de pastores de igrejas evangélicas. Uma parte dos salesianos se recolheu como professores no Instituto, deixando a faculdade. Em 1975 as divergências ideológicas com as irmãs salesianas se radicalizam e surge a ruptura afetiva e efetiva de mentes, deixando mágoas, ressentimentos e cicatrizes que não mais se apagarão, assumindo-se definitivamente a separação legal e de corações, o que já fora feita formalmente pela senhora Nair Fortes Abu-Mehry, criando-se Instituto Santa Teresa (FATEA).

Com tristeza relembro um período de crise da Faculdade, no momento em que as duas, a “Masculina” e a “Feminina” pareciam se dividir, sem ter nada uma com a outra: briga com os padres, as freiras, os alunos, incompreensões, discussões (...) (GUIMARÃES, Apud TOLEDO, 2003, p. 191).

A Faculdade de Lorena, nesta década de 1970, começa a se organizar atendendo à demanda do mercado, quando o corpo docente de sacerdotes é substituído por leigos. Há a preocupação de se contratar, na medida possível, ex-alunos que tivessem, além da competência profissional, a formação salesiana. A Faculdade se consolida apesar da linha tecnicista imposta pelo golpe militar, continuando com uma educação libertadora ligada ao pensamento de Buga (1967), Medellín (1968) e mais tarde Puebla (1979). Apesar dos clérigos terem sido retirados da faculdade reconhecida pelo governo, para o interior do antigo Instituto de Filosofia, não reconhecido, validando só posteriormente os estudos, muitos deles haviam absorvido uma mentalidade crítica própria do ensino superior. Os diretores salesianos dos primeiros tempos da faculdade serão ex-diretores de escolas de primeiro e segundo grau, sem uma visão universitária, em contraponto, outros serão egressos destes tempos de confrontos e terão presença marcante na configuração do Ensino Superior salesiano.

Os salesianos, obedientes às orientações do Vaticano, procuram assumir as orientações pós-conciliares e dos documentos de Buga e Medellín, ainda que tendo de conviver com os constantes ajustes do Estado, como em 1961, com a promulgação das leis de diretrizes Básicas da Educação Nacional, com a centralização do ensino de 1964 e com modelo tecnicista de 1968. Preocupam-se em formar os alunos para o mercado,

mas também imbuídos de valores humano-cristãos e salesianos. A partir da década de 1980 o número de salesianos vai diminuindo e aquela figura do salesiano sonhada por dom Bosco como “alma do recreio” no meio dos jovens vai desaparecendo das salas de aulas e do recreio, pela diminuição de pessoal salesiano, sobrecarga de trabalho e mesmo desinteresse em trabalhar no meio universitário. De fato a ampliação desmedida das obras vai *comprometendo a pedagogia da presença* que vai sendo transferida para funcionários, nem sempre afinados com a pedagogia e os princípios educacionais da instituição. Para muitos salesianos a nomeação para o trabalho na faculdade é suportada como obediência religiosa, sendo assumida sem paixão e comprometimento. O crescimento da faculdade vai comprometendo na raiz a *pedagogia da presença* que passa a ser terceirizada. São novos tempos...

Faculdade Salesiana de Americana - Humanista e Pedagógica

A presença dos salesianos em Americana deu a partir do empenho de ex-alunos do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora de Campinas, que residiam nesta cidade e que se mobilizaram para que a obra salesiana fosse aí implantada e, por meio do ex-aluno do liceu de Campinas, Eric Marrihensen, entram em tratativas com a sede da congregação para esse fim. Houve apoio por parte da prefeitura, que tinha carência de escolas primárias, frente ao rápido crescimento da população e do bispo, que conhecia e desejava a presença salesiana na diocese, pois faltavam sacerdotes para atender as diversas colônias de italianos.

Em 16 de outubro de 1949 o trem especial da Companhia Paulista de Estradas de Ferro deslocava para Americana os superiores maiores da Inspeção de São Paulo e seiscentos alunos do Liceu de Campinas com sua banda de Música, que festivamente percorreu as principais ruas da cidade, abrilhantando a inauguração da obra salesiana, com a presença de autoridades civis, militares, religiosas e grande multidão. Começava o Oratório Festivo e uma Escola Primária (DENARDI, BARBOSA, 2001). A experiência escolar durante várias gestões, porém, não foi suficiente para consolidar economicamente a obra. De 1949 até 1968 passaram por ela cinco diretores sem conseguirem equilíbrio econômico. Apesar do grande envolvimento com a comunidade e uma significativa vitalidade, as questões de sobrevivência se agravavam seriamente. Toma-se, então uma drástica decisão. Em 1968 o padre João Baldan é nomeado diretor com instruções de encerrar as atividades da casa, caso não conseguisse resolver sua

viabilidade econômica. No seu dizer, “tinha como missão fechar tudo”. Apostava-se na sua nomeação como última cartada nessa obra fadada ao fracasso.

Em 1970 o novo diretor celebra um convênio com a prefeitura para manter uma escola municipal onde se aplicaria a pedagogia salesiana com a estrutura e funcionários mantidos pela cidade. Já no mesmo ano se percebe que o projeto não daria certo, pois os professores se mostravam resistentes em assumir o estilo de educação salesiana, sendo o convênio desfeito no fim do ano, com reflexos em 1971, quando a fragilidade financeira é sentida de modo especial. No livro do Conselho da casa do dia 15 de abril de 1971, após vários arrazoados sobre a saturação do mercado de escolas de primeiro e segundo grau na cidade de Americana, padre Baldan conclui com a seguinte reflexão:

Pensa-se então numa obra que possa garantir a vida das demais. Essa obra seria uma faculdade? Um curso técnico superior? Não sabemos, precisamos de levantamentos, e de estudos, digo, de pesquisa de mercado¹⁶.

Uma pesquisa inicial mostra que a cidade está em franco crescimento com a perspectiva da construção de grande número de escolas para atender à crescente população, atraída, sobretudo pela indústria têxtil. Constata-se, porém, não existir cursos superiores na cidade. A isso se soma uma política adotada pelo governo militar, que numa ótica progressista, promove entre o final da década de 1960 e início da década de 1970, uma política favorável à autorização de abertura de novas instituições de ensino superior que atendessem a essa procura. Deve-se lembrar, porém, que os salesianos estavam traumatizados com os eventos ocorridos na faculdade de Lorena no ano de 1968. As greves estudantis em que se havia perdido o controle da situação, consolidava em muitos a certeza que a congregação não nascera para atender ao ensino superior. Além disso, sob a influência dos movimentos eclesiais de base, crescia em outros não só a rejeição ao ensino superior, mas ampliava-se o questionamento sobre a atuação nas escolas de primeiro e segundo graus para classe média que, entendiam, fugia ao carisma fundacional. Levar, portanto, o tema da fundação de uma faculdade em

¹⁶ CENTRO UNISAL. SEDOC: Arquivo histórico. Lorena. Arquivo CEDOC – UNISAL – Unidade de Lorena – SP.

Americana ao Capítulo¹⁷ seria ter a questão sepultada para sempre. Padre Baldan assume a criação da faculdade unilateralmente, justificando-se:

Argumentavam muitos salesianos: "nós fomos feitos e criados por Dom Bosco para tomar conta de meninos e da juventude. Mas eu sempre pensei assim: a juventude é o maior tesouro de um povo, os meninos são a joia das famílias, mas o homem vai crescendo, e vai amadurecendo, e vai se formando e nós precisamos formar homens para o dia de amanhã. "Cabeças que saibam governar como se deve". (DENARDI, BARBOSA, 2001, p. 93).

Por iniciativa pessoal, padre Baldan abre o processo de criação da faculdade que é aprovada em 10 de maio de 1971 pelo Conselho Nacional de Educação, sendo oficializada no Diário oficial pelo decreto do dia 13 de julho de 1971, com aprovação das faculdades de Educação, Administração de Empresas e Serviço Social. A aprovação é objeto de uma festa improvisada no Instituto Dom Bosco, para onde acorrem autoridades e amigos dos salesianos, para se confraternizarem pela conquista, indicando o envolvimento da sociedade americanense, que entendia que essa fundação correspondia aos seus anseios, uma resposta para uma real demanda dessa comunidade. Da mesma forma o decreto de 12 de julho foi saudado "por um foguetório danado na cidade!" (DENARDI, BARBOSA, 2001, p. 27).

O surgimento da faculdade salesiana de Americana possui características diferentes das de Lorena, pois, ainda que não fosse um projeto oficial da congregação, nasce com raízes numa sociedade que a quer, a assume e dela participa, vendo na sua fundação uma resposta às necessidades regionais e de mercado, com o envolvimento e assentimento da igreja, das autoridades civis, de educadores e empresários. Padre Baldan, condutor primeiro deste processo, tem ainda consciência das limitações com que se começa essa frente de ação salesiana:

os salesianos tinha experiência com o ensino fundamental e com alguns professores leigos que eram contratados, contudo, agora se deparavam com outro profissional, o professor universitário, e também com um novo perfil de aluno, adultos e trabalhadores. Nossa estrutura universitária, o relacionamento entre os salesianos e os professores era algo novo, pois requeria uma instância de decisão mista, de leigos e salesianos, para garantir os rumos do ensino superior. pois poucos percebiam que formar um ambiente universitário seria algo que provocaria mudanças não só nos espaços físicos da casa, mas também na mentalidade, dos padres e cooperadores da obra. E uma mudança desta natureza demanda tempo. O terreno desconhecido foi sendo explorado com muito trabalho de todos aqueles que queriam ver a faculdade funcionar. (DENARDI, BARBOSA, 2001, p. 99).

¹⁷O "Capítulo" nas congregações religiosas é uma assembleia periódica que toma decisões com poder de lei e que só podem ser vetadas pelos superiores maiores de Roma. Um veto ao ingresso neste caso tornaria legalmente inviável qualquer possibilidade de abertura de um curso superior e certamente essa decisão capitular em São Paulo seria sancionada pelos superiores maiores de Roma.

É importante verificar a lucidez do primeiro diretor nessa etapa da fundação. De certo modo, essa fundação "era sua," por não ser uma opção oficial da congregação, mas um corajoso ato seu contra a mentalidade da maioria dos salesianos da época, que acreditavam que o único espaço de trabalho deveria ser, dentro de um conceito de fidelidade ao fundador, junto de adolescentes. Fora ousado, pois tendo recebido ordens que encerrar as atividades de uma obra, não só não a encerrou, mas a incrementou fundando uma faculdade que se tornaria mais tarde a sede do Centro Universitário Salesiano. Foi um homem de visão, pouco entendido nessa época. Enquanto no início da década de 1970 Lorena procurava “restaurar a autoridade,” fechando-se, Americana iniciava suas atividades em profunda sinergia com a sociedade onde estava se implantando.

Enfim, estavam lançadas as bases que permitiriam configurar o UNISAL com uma Instituição de Ensino Superior. Muitas histórias e peripécias, porém, ainda existem por ser contadas...

Recebido em 28/09/2012

Aprovado em 16/11/2012

Referências

CENTRO UNISAL. SEDOC: Arquivo histórico. Lorena. Unidade de Lorena – SP.

DENARDI, Cláudia Bevilaqua; BARBOSA, Silvana Mota. *Os Salesianos em Americana: 50 anos tecendo a educação*. Campinas: Arte Brasil, 2001.

EVANGELISTA, José Geraldo. *História do Colégio São Joaquim 1890-1940*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1991.

IGLÉSIAS, Francisco. *História e Ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

TOLEDO, Francisco Soderó. *Igreja, Estado, Sociedade e Ensino Superior: A Faculdade Salesiana de Lorena*. Taubaté: Cabal Editora e Livraria Universitária, 2003.

VAIDERGORN, José. *As Seis Irmãs: As FFCL do Interior Paulista*. Araraquara, UNESP, FCL, Laboratório Editorial. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003.